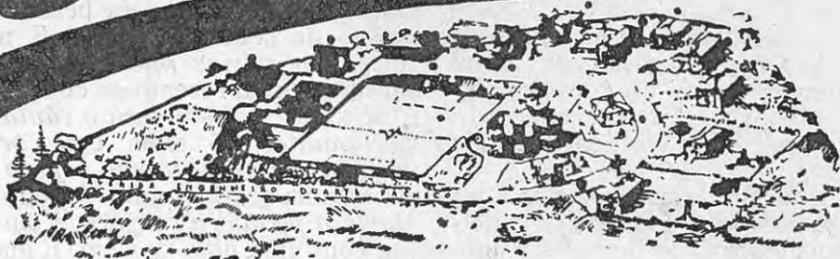




# Gaiato



Visado pelo  
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VI—N.º 155  
PREÇO 1500

## UMA CARTA

*Já fiz o exame da 4.ª classe, fiquei distinto, até aqui bem foi, mas agora é que é mau. Eu tenho vontade de estudar mais, queria trabalhar de dia e de noite estudar, mas no Asilo não pode ser assim.*

*Eu trabalho e o trabalho não me mete medo, mas eu queria também estudar.*

*O Sr. Director arranhou-me um emprego onde eu estive dois meses, era uma taberna da rua escura no Porto, eu não gostava de lá estar, mas ia-me sacrificando, mas o patrão foi outra vez levar-me ao Colégio, porque a minha mãe também mora na rua Escura e de vez em quando encontrava-me e os patrões não gostavam que eu falasse com ela.*

*Eu bem sei que agora não posso olhar para os exemplos que a minha mãe me dá, mas quando eu for homem quero trabalhar para poder sustentar a minha mãe para ela não andar por aí.*

*Quando chegar aos 17 ou 18 anos tenho que sair do Asilo e não tenho para onde ir.*

*Se o Sr. Padre Américo pudesse tomar conta de mim.*

Estavam ao pé de mim os meus dois braços, Avelino e Júlio, como sempre acontece na hora do correio. Também estava o Zé Eduardo, pois que era o tempo de férias do natal e ele tinha vindo aqui passá-las. Todos são rapazes estudiosos. Zé Eduardo é um az do Liceu. Júlio terminou o seu curso, mas quer subir mais alto e está subindo. O Avelino tem um professor especial que vem aqui à aldeia, por ele não ter tempo de frequentar escolas. Trez rapazes estudiosos.

Ouviram ler a carta e logo o Zé Eduardo ma tira das mãos e todos, à uma, pedem que ele venha; *deixe-o vir. Ele quer estudar.* Enquanto vou abrindo mais cartas ficam os três com esta nas mãos, a pisar e repisar o seu conteúdo, até que um deles, o Júlio, exclama: *abra os olhos a essa gente.* Isto é autêntico. A autenticidade da nossa obra, não se há-de ir buscar às coisas de fora; é dentro. Dentro dela é que está toda a sua glória. O fio de água modesto que mata a sede e rega os campos, vem de dentro. Vem do seio da terra. É de lá que o povo a conhece e fala.

O Asilo, é uma instituição nacional e muito antiga. Tem feito algum bem à sociedade, mas podemos e devemos fazer melhor sem eles. A Direcção Geral da Assistência talvez experimente dificuldades em transformar, daí o aceitar as situa-

ções criadas; o peso morto; a letra. O espírito, esse não vem das Direcções.

Quando há meia dúzia de anos a quinta de Paço de Sousa nos foi superiormente entregue, recebemos com os mais documentos, a planta de uma adaptação do convento incendiado; adaptação a um futuro asilo. Peguei no trabalho, examinei a sua formosura e queimei tudo, com licença presumida do arquitecto que o fez. Quiseram que o pagasse, mas como poderia eu fazê-lo decentemente, se o não tinha encomendado? Isto foi ontem, a bem dizer, e naquele dia começamos de raís a primeira casa da nossa aldeia; elas já são dezasseis. Cada uma responde a seu fim determinado.

Há dias estive em Arouca e vi uma formidável adaptação do antigo convento das Monjas de Cister, a uma futura casa de rapazes, segundo ali me disseram. Aquele meu formidável, não se refere às obras, mas sim às somas de dinheiro que nelas se gasta. É um êrro. Os homens, com sua técnica e tudo, são capazes de errar e também de repetir erros de outros homens. Os conventos são obras maravilhosas, feitas de propósito para o silêncio e oração das almas e só para isso servem. Ou são aquilo ou não são nada. Adaptar, é o mesmo que botar remendos novos em pano velho. Instalar rapazes ali, é o mesmo que deitar em ôdres velhos vinho novo. Adaptação é traição.

Mas há pior; muito pior. São os erros de ordem espiritual. Que o diga a carta deste rapaz que a nós se dirige. Ela é um algarismo supremo de inépcia, que não sofre nem necessita comentários.

Façamos uma pausa assim como quem procura meditar e atingir as coisas profundas. Olhemos todos para esta Nossa Obra. Este moço triste do asilo, encontrará nela o que deseja. Não mais o sacrifício da taberna na Rua Escura e por um trabalho inteligente e honesto, ele pode vir a livrar a sua pobre mãe de andar por aí... Isto são boas notícias. Que cada leitor se jalegre no Senhor.

## Eleições

Na forma dos mais anos, também este se realizaram nas nossas comunidades.

No primeiro domingo de Janeiro, teve lugar o acto no Lar do expulso dos reformatórios, em Coimbra. Eu fui de propósito assistir. Cheguei à tabela. Eram 27 rapazes. O Maioral cessante, levanta-se e fala de possíveis abstencionistas. Que não. Que ninguém se abste-



Eduardo de Carvalho, chefe eleito por vontade de todos.

na. Sem o voto de todos, não haverá chefe legítimo. Sem o voto de todos, não temos governo em nossa casa. Estas foram as suas palavras. Estava Padre Manuel. Estava eu. Estavam também ausentes, P.<sup>es</sup> Adriano e Luís; nós já somos quatro *padres da Rua*. Estavam, sim senhor. Mas nós não contamos. A Obra é deles, por eles. É um chefe eleito por eles, que há-de dar o valor, o gosto e o interesse e o rendimento. Foi eleito o Eduardo de Carvalho por uma grande maioria.

Vinha agora a talho de foice dar as notas biográficas do chefe eleito. Vinha sim senhor, mas é melhor não. É mais decoroso para a senhora sociedade, calar. Os nossos rapazes começam a viver desde o dia em que são nossos; antes, não eram nada.

A seguir veio o Tojal; a casa do Gaiato de Lisboa. Como se dizia em o número anterior, foi o Pedro o escolhido por maioria esmagadora. Tenho pena de não posuir à mão a sua fotografia.

Depois, tivemos o Lar do Porto; horas reñhidas! Havia partidos!! Tive de fazer um sermão antes e depois das votações. Escolheram o Carlos por muitos votos.

A nossa Obra é um pequeno mundo. Condiz com a pessoa humana.

## Peditórios

Ando actualmente ocupado com eles, nas igrejas da Invicta. Peço somente a duas missas; não tenho tempo para mais. Somos muitos aqui em casa e eu não devo abandonar o posto até que outro me venha render. A igreja da Trindade, por onde comecei, deu à roda de oito contos. Veio a de Cedofeita com cinco contos a passar; e a irmã do senhor abade, a Carolina, deu-me mais de um cento de maçãs deliciosas, chegadinhas ontem de Arouca, as quais vou aqui rilhando, consolado. Parece-me que o Areosa já as descobriu..! Mas ele diz que não e que não e que não. Depois vem a igreja da Lapa com seis continhos e quê. Isto sem falar nas jóias de que as senhoras se vão desfazendo. Mas elas ainda ficam com muitas...

A doutrina que se prega é escandalosa. Tem de ser escandalosa. O que me vale a mim e à Obra da Rua, é ter e fazer púlpito de «O Gaiato», porquanto nas igrejas, não poderíamos nunca pregar como fazemos aqui. Não teríamos quem nos chamasse, tampouco quem nos escutasse.

O Verbo feito Sangue mete medo! Em regra, cada um faz a sua religiãozinha e tem o seu pregador. É mais nada.



Carlos Rebelo Gonçalves, chefe do Lar do Porto, escolhido entre dezoito votantes, com doze votos. Vamos a ver...

Está certa. Há divergências, simpatias, opiniões, zaragatas, tudo. Gosto assim.

Deus fez o homem livre;—uma verdade eterna. E deu-lhe a inteligência de limitar a sua liberdade e de aceitar de outros, limites razoáveis. *Tudo me é permitido, mas nem tudo eu posso fazer;* eis de como o Apóstolo fala da liberdade. Amo esta liberdade, quero que ma respeitem e quero respeitá-la. A doutrina do Inferno, assenta na liberdade do homem.

Na casa de Paço de Sousa, não houve nem possivelmente haverá eleições este ano. O caso aqui é muito sério. Os rapazes são em grande número e alguns difíceis de governar. O actual chefe satisfaz.

E como tenho medo, com fundadas razões, que me não aceitem um que eu proponha, deixo estar tudo como está. Ora eis.

# O que nos dão no Tojal

Ao Montepio foi o Pedro buscar nove quilos de bolo rei. Está em sua casa e sabe o que nela se passa.

—De Bucelas apitaram também com boroas, bolos, açúcar, arroz e amendoins. E do mesmo sítio cem escudos para a consoada e mais cem e mais vinte para ajudar a festa.

—Um africanista que por aqui passou com sua família, quis deixar dois embrulhos de bolos e uma nota de quinhentos. Tudo feito num instante, à noite, na intimidade da família e na alegria de quem sente que pratica o bem.

E se deixarmos o capítulo dos bolos para passar ao dos brinquedos, vemos que não foi menos a generosidade dos nossos amigos. Automóveis e aviões e carrapanas de todos os feitios fizeram as delícias dos mais pequenos.

Até um senhor trouxe no tejadilho do seu automóvel uma bicicleta pequenina para todos os que estão impedidos de andar nas outras. Como esta viesse mal calçada, o mesmo senhor quis deixar cem escudos para os pneus. Visita-nos muito frequentemente este nosso amigo. Gosta imenso de ver o *Polícia* a cantar o Tiro-lírio.

—Agasalhos e roupas tanto interiores como exteriores, têm vindo com relativa abundância de tal modo que têm chegado para nós e para algumas famílias pobres.

A avenida João Crisóstemo foi o Pedro—que tem sido o recoveiro dos últimos dias—buscar um embrulho de roupas e brinquedos. A oferente pede desculpa de não vir pessoalmente. Sente a necessidade de vir, mas não pode. E mandou juntamente 100\$00 sendo 50 dela e o restante de uma amiga.

De Dafundo um saco de roupas usadas. E de algures mais roupa com a nota: «*pode ser usada sem receio*», e uma camisola com esta advertência: «*a nódoa é de remédio*».

E outra camisola com o pedido de uma oração *pela cura da mãe de quem a fez*. E outra «*para um gaiatito friorento. Podendo ser*, dizia o papelinho que acompanhava a oferta, *para o Rouxinol, que foi o nosso simpático cicerone*».

Eu não sei quem escreve, nem preciso de saber; mas peço a todos os amigos que ele tenha uma prece por sua alma, pois deixou-nos nos fins de Setembro, após alguns dias de doloroso sofrimento. Hoje vela por nós, assim o cremos.

—Mais roupas de duas primas para os nossos queridos gaiatos. E outra vez roupas de vestir e de cama, calçado e agasalhos e remédios. E de uma costureira um fato para um dos mais velhos. E outro para o Pedro. E um relógio para o Coroa. E para o Sapo um par de meias e uma camisola exterior. O Sapo é da Ericeira. Eram e são ainda hoje célebres os seus feitios naquela localidade. Todos falavam dele, no perigo que ele constituía e todos o evitavam. Ele veio. Hoje não é o mesmo. Embora no trabalho se ressentia da vida ociosa que noutros tempos levou, ele não é o mesmo. Sempre bem disposto e sorridente a vida para ele não é fardo pesado que se arrasta, muito pelo contrário. Tem angariado amigos pessoais. Até da Ericeira, onde para muitos fôra o terror, ele já recebe prendas e cartas e saudades.

—E agora vem a vez do dinheiro.

Um médico de Lisboa com «os votos das maiores bênçãos de Deus para 1950» envia 50\$00. E uma alma gicista que anseia pela conversão de seus pais 20\$00. E um conto por várias intenções. Uma dactilógrafa apresenta-se com 20\$. E de algures 50\$00 para o cântaro dos gaiatos. E mais cem pela intenção de seu falecido esposo e na mesma carta mais duzentos. Maria a pecadora reaparece outra vez com uma nota de cem. E mais 20\$00 «para a dúzia de ovos que hao-de ajudar a fazer o bolo que na noite de Natal há-de estar na mesa dos seus rapazes» de «uma lisboeta que ainda não foi ao Tojal». De outra lisboeta que não sei se já cá veio, 20\$00. Do Grémio dos A. e Exp. de Azeite quase trinta litros dele e da Junta Exp. de Café Colonial, tres sacos de café.

Mais 2 fardos de bacalhau e dos Produtos Lacteos 250 tubos de Nescao.

A Shel alistou-se com 150\$00, a Vacuum com 200\$00 enquanto a Saçor manda com grande prazer um cheque de seis contos. Aqui há prazer duplo. Prazer no dar e no receber.

Um grupo Cultural e Beneficente ao enviar cem escudos, lamentava-se de ser fraca a lembrança. Eu acho que não. Ela traduz interesse simpatia e amizade. Daí o valor que nós lhe damos.

Mais 20 escudos e cinco em selos. E ainda uma libra em ouro de alguém que a manda em reforço do que já deu para a tipografia.

Para os pobres da «Quinta dos Peixinhos» 50\$00 de uma *figueirense*.

A Comissão R. das Oleginosas como subsídio do Natal, mandou 250\$00 e a União de Grémios de P. Reginosos 675\$00.

No Banco foram depositados 1450 escudos e no Montepio 1770.

Da Atouguia da Baleia 30\$00 e outro tanto do Tojal e duzentos na igreja de S. Domingos.

Como o tempo tem estado mau os visitantes não têm podido vir, os donativos, esses mandam-nos. Entretanto os que vieram deixaram 758\$50. Quanto a assinaturas temos registado piores dias. O total vai a 1270\$00.

—Mais tres notas de cem. Uma de Lisboa, outra de origem desconhecida e a outra de um enfermeiro. Mais 40\$00 em vales de correio para uma Missa e de outros vales de correio 91\$90. Dos Produtos Lacteos 325\$00. Sempre o mesmo zelo e o mesmo interesse. Bem hajam. Os da Vacuum também cumpriram. Os mesmos sintomas do mesmo amor.

Mais uma caixa de lata com alguns utensílios de barbearia. Quem está na brecha para tal officio é o nosso *Entroncamento*. Mas falta-lhe a ferramenta. Até à data ele pode contar apenas com uma navalha de barba um assentador, uma escova de cabelo é uma caixa para pôr os objectos que ainda hão-de vir.

No Porto um senhor apetrechou por completo a barbearia do Periquito de outrora e hoje senhor Moreira. O *Entroncamento* também conta muitos amigos em Lisboa. Não aperecerá quem lhe queira fazer igual mercê?

Na Fidelidade onde me consta que as suas simpatias têm fama deram-lhe há bem pouco 50\$00. E já que falo de C. de Seguros acrescento que na Caravela foi entregue a um dos nossos rapazes o produto de uma subscrição, um total de

# Notícias de Coimbra

1 Agora antes das festas do Natal deram-nos muitas coisas: dois cobertores de papa, oferecidos pela Sociedade de Fazendas; que bem falta nos faziam; também a Senhora do Bazar do Porto deste nos deu muitos pares de meias para os miudos, e peugas para os maiores. Mais dois pejames da mesma Senhora.

Mais um envelope mistério. Mais outro; Mais uma encomenda que uma senhora me deu para irem algumas peças para Miranda, e outras para aqui. Mais outra encomenda de camisolas, um casaco; etc. A esses senhores muito obrigado.

2 O nosso Natal decorreu na maior alegria, alguns de nós fomos passá-lo a Miranda, que foram: Leiria, Machado, Pinguinho, Carlos e eu.

Víamos à noite chegamos e estavam todos assentados à beira do Presépio o Senhor Padre Manuel não estava.

Estava no Lar de baixo. Fomos cear, e entretanto veio o Snr. Padre Manuel, com o Senhor subsecretário do Snr. Bispo, com um bolo rei grande, comemos com café, depois foi vinho, do Porto com filhoses e broinhas.

Conversamos e divertimo-nos, e só tarde é que fomos dormir. Também o Snr. Doutor Afonso Romão desta cidade deu-nos um bolo rei que agradecemos a esse Senhor.

3 Aqui vai mais um pedidinho, que não vai assustar ninguém. É a escola; Eu e o Inácio como sabem andamos a estudar na Escola Commercial e outro no Liceu, aí vai: são precisas duas pastas, senão molhamos e estragamos os livros todos.

4 Já cá temos 2 cães, que vieram de Manteigas, já têm nome, um é (Mondego), e o outro é Coimbra. O cachorro vai para a lavoura dos vizinhos e calca-a toda. O remédio foi dado: arranjou-se uma coleira, e ele agora está preso.

5 O nosso Lar é dirigido por rapazes que trabalham nos seus empregos e que estudam. Fora disso alguns têm o cargo de chefes: Não havendo ainda um chefe que possa governar a casa; por uma, não podem estar em casa, porque cada um tem o seu trabalho fora; e não podem estar todo o dia em casa; por outra, mais qualquer coisa.

O crónista—ERNESTO PINTO

1176\$00. Da Preventive mandaram-nos 20\$00.

Mais um donativo de 50\$00 para a casa e cem para tipografia.

A padeira de Lisboa que de vez em quando manda recado, desta vez foi pródiga como nunca. O velho *Overland* lá se arrastou conforme ponde e veio de tal modo cheio, que não podia levar mais.

Para os nossos *batatas* se aquecerem mandaram-nos de Leiria uma camionete de lenha. Do Tojal também nos veio uma camionete não de lenha mas de melão. Ainda que fora do tempo, têm-se comido.

—As nossas oficinas, embora muito lentamente vão-se equipando. Agora foi um torno de mão.

—Mais livros escolares e revistas e duas lapiseiras e uma caneta de tinta permanente. E de ofertas apenas conhecidas de Deus 295\$00.

De Lisboa uma caixa de garrafas de vinho do Porto.

E que eu saiba mais nada.

P. L.

# A Nossa Tipografia

SÓ a mãe que vê o seu filhoinho arriscando os primeiros passos; só ela, digo, é capaz de compreender a minha alegria, quando hoje entrei na oficina e vi o Barros a impôr *O Gaiato* no prelo. O mestre ao pé, guiava. Ele foi o que me fritou por uma harmónica de boca, recentemente, pelos seus catorze anos. Claro está que este número do jornal leva mais horas a imprimir e gasta mais papel, sim, mas é tudo lucro. Estamos todos a ganhar. Quanto não vale para o mundo um tipógrafo de escolha! Estes pequeninos relatos, são os andores; sem eles não presta a procissão.

E setenta do Porto. E 400\$00 de uma subscrição; são trinta subscritores, muitos remediados e alguns, até, pobres. Não vai nenhum pimpão, que disso é que eu gosto. E duas prestações de 20\$00, por não poder tirar mais do seu ordenado. E 100\$00 retirados do meu primeiro ordenado. E a mesma quantia, retirada de uma gratificação. Eu quero que os senhores e as senhoras que estão à janela, vejam e pasmem e chorem. A procissão é de herois e de heroínas.

A vulgaridade não tem aqui lugar. E uma *minhota* que reside em Lisboa, por a procissão estar muito longe de recolher, a segunda remessa. E um do Porto que entrega a um vendedor. E um que me entrega a mim nas ruas do Porto; tome para a *procissãozinha*. Eu acho que este diminutivo tem pimenta, mas não perguntei o senhor se a tem ou não. E meia ração de Belém. E Lisboa. E Lisboa. E a primeira prestação até vir a *Queima das Fitas*. E Castelo Branco. E Ficalho com cem escudos (50\$ da ama e 50\$ da criada. Separadas já cá tínhamos. Juntinhas é que não. E o Porto. E Luan-da; é uma professora primária. E um graças a Deus que chegou o meu dia. E a Covilhã. E 20\$00 do Estoril. E dois gémeos. E a Lélé de Lisboa. E' pena que o *Zéquinha* não queira enfileirar; ele costuma aparecer no cortejo de oferendas do que nós necessitamos. E mais vinte. E meia ração. E Tomar. E o Porto. E o Porto. E 375\$00 de alguns funcionários da União de Grémios de Logistas do Porto. São vinte e cinco. Pelas quantias subscritas, nota-se o sacrifício.

E os Oficiais e Sargentos do Regimento de Cavalaria n.º 7 de Belem, juntaram-se todos e vão com 627\$00. Os senhores não tenham medo, que eles vão todos a pé. E um Ribatejano na marca. Estou admirado com ribatejanos na procissão. E meia dose do Porto. E o Colégio Infante de Sagres.

Contas. Continhas.

Até o dia d'hoje . . . . .	272.500\$00
Desta feita . . . . .	3.400\$00
	<hr/>
	276.900\$00

Nós ainda não paramos. Se não vamos mais depressa, é porque levamos a Cruz.

## Do que nós necessitamos

**M**AIS uma data de envelopes com os 50\$00 misteriosos. Mais 20\$00. Mais 60\$00. Mais 100\$00 de Coimbra. Mais 130\$00 de Ilhavo. Mais 50\$00 para os primeiros cigarros de 950 do Pai Américo e Zé Eduardo. Mal esta notícia chegue aos ouvidos do rapaz, já sei que tenho carta... E roupas da Figueira da Foz. E roupas de Santarém. E roupas da Régua. E roupas de Lisboa. E roupas do Porto. E de Lourenço Marques. E de Loriga. E do Espadanal. E de Lamego. E de Tomar. E de Lisboa. E de Aveiro. Se os leitores não têm mapa do império potuguês, quitem de o comprar; têm aqui todas as terras. Esta abundância são os enxovais dos que nos procuram, que a roupa que eles trazem, é toda para queimar! Mais 50\$00. Mais cem de três meninos que cantaram as janeiras a pessoas de sua família e seus serviços. Que lindo cantar! Mais um grupo de viajantes do Porto, por intermédio de um viajante, uma pancada de dinheiro.

Mais a Câmara dos Corretores do Porto com 300\$00 escudos. Mais duas caixas com duzentas latas de peixe, do Porto. Mais um grupo de Luso-Americanos com uma pancada de dólares e palavras muito animadoras. Mais 452\$00 dos Pilotos da Foz do Douro e Leixões. Assina o Piloto-Mor. Mais 1000\$00 escudos de Lisboa. Mais outro tanto de Luanda. Mais um fardo de cobertores de lã. Mais 200\$00 escudos do Sindicato de escritórios do Porto. Mais vinte e quatro pessegueiros do Porto e outros tantos de Castromil. Quem quiser pessegos venha cá daqui por dois anos. Mais uma dúzia de camisolas da Covilhã. Mais Um de Lisboa com 100\$00 escudos. Mais duas peças de flanela do Porto. Mais duas peças de pano de lã do Porto. Ele há muita gente que estranha e aflige-se e queixa-se de que agora é moda dar ao Padre Américo. Eu cá tenho que não. Eu digo que tudo quanto aqui chega e às Casas de Miranda e do Tojal e de Coimbra e do Porto, são toques de Deus na alma dos apaixonados.

Mais 20\$00 de Leiria. Mais cinquenta do Porto. Mais 20\$00 do Porto. Mais 220\$00, quete tirada nas oficinas do Minho e Douro. Mais 20\$00 Lisboa. Mais cinquenta de Gaia. Mais esta carta:

...onde eu tirei o curso de professora e meu irmão cursa a faculdade de medicina. Minha Mãe, uma pobre viúva, nunca nos deixou e foi concerta ela que assim nos ensinou o verbo amar, tão intensamente vivido por ela junto de nós.

Fiz a promessa de o primeiro ordenado que ganhasse fosse intacto para os pequeninos da casa do Gaiato. Cá estou portanto a cumprir aquilo que prometi e com grande satisfação.

Como não trabalhei em todo o mês de Outubro só ganhei 626\$20 que é o que envio.

Estas ofertas não se fazem aos mortais. Isto é a consagração duma obra. Mais no Monte Pio do Porto um senhor toma a iniciativa, faz um cabeçalho num caderno de papel, coloca-o à vista e logo umas quinhentas pessoas escreveram os seus nomes. Foi a somar e estavam lá 2.613\$60. E' a paixão da Criança da Rua! Mais do Rio de Janeiro 1.000\$00 escudos. Mais do Maranhão dois contos.

Não sei se os senhores têm reparado em quantias semelhantes, que aparecem agora e logo nesta coluna do jornal. E também, em

outros sítios do mesmo, aparecem cartas formosas e espontâneas de brasileiros. E hoje, deixo aqui ficar a notícia de que muitas mais cartas me enviam as quais, pela sua altura, não podem ser publicadas. Isto é o que eu fui buscar e o que eu trouxe do Brasil.

Mas ele há muita gente que me pergunta e quer saber os resultados práticos da minha viagem: quanto?

A esta pergunta venho eu respondendo aqui, indiretamente e com verdade. Nós tivemos de suspender e despedir as obras da casa agrícola do Tojal. Nós trazemos aqui a procissão, a que um lisboeta já chamou a *arrastada*. Não nos tem sido possível comprar o tórno mecânico. Eu tenho andado a mendigar nas igrejas do Porto e vou brevemente fazer o mesmo em Lisboa. E mais e mais e mais. Ora nada disto seria, se aquele quanto tivesse chegado à medida das nossas necessidades.

### Crónica do Lar do Porto

A primeira Casa do Gaiato apareceu em 7 de Janeiro de 1940, perto de Coimbra, na lindíssima Vila de Miranda do Corvo. Foi lá que a Obra da Rua nasceu com o fim de amparar todos aqueles pequenos vadios, que se espalham por essas terras deste tão lindo Portugal. Este é o seu verdadeiro fim, porque assim o quer e deseja o seu fundador, que é o nosso Pai Américo.

A nossa Obra nasceu e sustenta-se unicamente pelas esmolas dos seus benfeitores, dos seus amigos, de todos aqueles que sentem e compreendem a necessidade de salvar não somente o corpo, mas também a alma daqueles que vivem entulhados, num bêco ou viela, sem o carinho de alguém que os ame.

Há sete anos que vivo debaixo das nossas telhas, e jamais me aborreci, porque nunca me faltou nada. Sinto-me em minha casa.

O regime da nossa Obra é diferente de todas as casas de caridade ou asilos. Um dos principais motivos que tem causado admiração pela nossa Obra, é a liberdade com que os rapazes vivem dentro e fora dela. Cada um responde pelas suas acções mediante as responsabilidades que ocupa.

Hoje as Casas do Gaiato contam-se por várias, espalhadas por todo o país desde norte a sul, infelizmente serão precisas mais—embora nós caminhemos diariamente para o progresso mundial, porque assim o afirmamos jornais diários—a viela continua a existir e com ela o pequeno vadio que tanto chateia os senhores no seu grito fulminante *«dê-me um tostãozinho»*.

A casa número um e talvez a mais conhecida por todos, fica situada num monte distante do Porto trinta quilómetros; na encantadora aldeia de Paço de Sousa. Começamos por habitar um convento velho enquanto não era construída a nossa aldeia, que hoje alberga perto de cento e oitenta rapazes.

Esta é a casa mais visitada aos domingos. E' pena que os visitantes não nos venham ver antes à semana, porque assim veriam como é linda a nossa vida!...

Todos trabalham desde os pequenos aos grandes.

Nós somos uma casa de trabalho.

CARLOS

Flores ao pé de flores.  
Eram das montureiras,  
sujos, ignorados. Hoje resplandecem e fazem-te chorar!

São da Casa do Gaiato de Miranda.



## O NOSSO JORNAL TORNEI AO BARREDO

Vinha há dias um senhor a dizer numa carta que em vez de «Famoso» começasse eu a dar ao jornal o nome de Farol. E logo dava a razão da mudança: famoso dizia a carta, tanto se pode aplicar ao bem como ao mal, enquanto que farol, é sempre e só luz. Mas eu cá não mudo nada. Gosto da tradição.

A venda continua espumante. Os vendedores deliraram e fazem delirar. Cada viagem, são novas luras. Eles descobrem-nas e só me dizem a mim, com ciúmes dos outros. O que eu tenho pena é de nem sempre atinar, pelas informações; eu conheço mal o Porto, e das novas ruas, nada.

O Zé de Arouca é formidável para roubar fregueses caros; roubou um de vinte escudos ao Risonho e anda a ver se faz o mesmo ao Faisca, mas ele dá faisca... Zé de Arouca também se meteu na União Fabril, de onde me conta maravilhas e traz sempre muitas prendas. Desta vez, foi uma deliciosa harmónica de bôca. Perguntado de como dera com tal mina, respondeu que fôra outrora coisa do Zé Sá, mas que actualmente estava abandonada. A Casa Tinoco, é outra fortaleza do Zé de Arouca, que se deixou vencer, e agora ali é tudo dele. Desta vez, até sabonetes caros!

O Faisca pede-me para eu agradecer e pôr no jornal que os senhores da Secção de Letras do Banco Espírito Santo, o vestiram dos pés à cabeça. Olhe pra isto; e depois de ter pegado nas minhas mãos para eu as colocar sobre o fato novo, começa a desabotoar-se, para que eu também visse camisa e a camisola e as cuecas. E eu vi a camisa e a camisola e as cuecas.

Chegados ao fim do ano e feitas as contas, Avelino veio-me dar parte e eu fiquei admirado por saber do saldo a favor, ao qual chamo simplesmente espantoso; e até peço aqui encarecidamente ós senhores e ás senhoras, que não digam nada a ninguém; não vão outros desatar a fazer jornais e aí temos uma concorrência que nos pode prejudicar seriamente;—quinzentos e dezasseis contos, noventa e vinte e dois escudos e noventa e cinco centavos. Dinheirinho limpo.

Não é por me gabar, mas a verdade tem de se dizer; pode haver maiores jornalistas do que eu, mas que ganhem tanto dinheiro, não me parece. Anda à roda de quarenta e sete contos por mês; já é!

O Barredo é bonito. Com suas ruas tortuosas, seus cachorros de granito, varandas de ferro batido. Seus largos. Seus nichos e alminhas;—o Barredo é bonito. Se dentro das casas houvesse pão, a Escarpa do Barredo poderia ser mostrada. Assim, tem de ser escondida!

Um dos barqueiros do ali visitava, já não existe; era o mais novo e foi o primeiro. Visitei o seu vizinho, que me disse por falas suas, estar esperando a mesma sorte; eu desejo aquela hora! Nem admira. Quando as doenças entram em casas desprevenidas, até os mais fortes se dão por vencidos, e querem morrer.

A da rua dos Mercadores, que descia à soleira do portal para arranjarem de comer, já não desce... Subi eu. Mora no derradeiro andar. Quantos degraus! E como resistiu ela por tão longo tempo, aos trabalhos de os subir?! Levei na minha companhia um dos meus filhos que se encontra actualmente em cura de repouso. Assim, na visão nua e crua destes doentes, podem eles mais facilmente agradecer ao nosso Bom Deus o Bem que hoje desfrutam. Ele era de lá; era dos Barredos. A maior parte dos nossos, são-no. Esteve aqui há dias em estudo um Tisiologo e confirmou que dos 180 rapazes que hoje temos, apenas 34 deles é que nunca estiveram em contacto com o bacilo. Todos os mais, sim!

Desta vez transgredi os meus propósitos e comprei um cobertor. O frio d'um lado e a nudez do outro, a isso me obrigaram.

Ela estava no catre a tiritar e a gemer. Isto era num dos «hoteis» daqueles sítios. São 84 milreizinhos que nós ambas pagamos. O cobertor era branquinho e muito pesado. Olhe que eu volto para a semana e quero vê-lo aqui...

Ela compreendeu e deu-me a segurança da sua honestidade. Apenas coberta e agasalhada, chama pela comensal; toma lá o que é teu. Era um saco!

Subi a rua muito quentinho, muito quentinho, muito quentinho. Em Santa Catarina, uma senhora puxa-me pela capa e dá-me cinco notas de cem. Ali mesmo, passos adiante, um senhor dá-me 200\$00. Logo a seguir, um senhor dá-me igual quantia.

O cobertor tinha-me custado 120\$00. Se isto fôsse um negócio—que rico negócio. Mas não. E' necessário perder-se primeiramente a vida e só depois é que podemos assim negociar!

# ISTO É A CASA DO GAIATO

Os senhores já sabem que nós instalamos os grandes em um refeitório especial. São uns vinte deles. Outras idades. Outras exigências lícitas e racionais, que temos obrigação de orientar. Eu tomei assento e como no refeitório dos grandes, com os grandes.

Ora ontem, estando nós à mesa, ouvia-se uma tremenda algazarra de vaias e apupos, à saída do refeitório geral. Levantei-me e fui ver o que era. Não era nada. Não tinha sido nada. Foi simplesmente um dos grandes que entrara no refeitório a fazer uma pergunta ao chefe, e os pequenos, irónicamente, disseram-lhe que já não tinha ali lugar: *fora fora fora*.

Alguém de princípios rígidos poderá descobrir nisto uma atitude inconveniente. Eu cá não. Eu vejo nisto simplesmente vontade de rir.

Rir. Que estes rapazes vieram de uma alegria saudável. Que nunca um refeitório seja lugar de tristeza. Que nunca a hora de comer seja vazia. Que a humanidade se encontre espiritualmente naquele lugar e àquela hora, e o mundo transforma-se sem ser preciso sair cada um do seu lugar. Tudo tam simples! Eu amo tanto tanto tanto as coisas simples!

Os companheiros continuam a exultar. Amanhã, rapado e vestido de fresco, come à mesa e dorme no leito. Tudo por amor de Deus.

É preciso que haja uma obra em Portugal assim desorganizada. Obra que não indague do sangue nem dos costumes; que não exija documentos, nem enxovais, nem padrinhos, nem nada. Obra que abra as portas ao Inocente por amor de Deus, — e que receba tudo de Deus. Tudo, tudo; — até os maus olhados e as incompreensões...

Isto foi na noite de 23 de Dezembro. Apresenta-se um farrapão, descalço e desgrenhado a pedir que o recebessem por amor de Deus: — *Receba-me por amor de Deus!* Mais nada; ele, os seus farrapos e esta sublime petição: *por amor de Deus.*

Deus ressuscitado! Deus dado por testemunha, por fiador, única esperança. Era noite. O rapaz vinha cansado visivelmente triste; — *receba-me por amor de Deus.*

ERA noite; noite alta. Fazia muito frio. Alguém bate à porta do chamado meu es-

critório. Era um empregado da estação de Cete, trazendo pela mão um rapaz que momentos antes ali chegara. Trazia debaixo do braço, embrulhado num jornal, meia ragueira de Valongo. Trazia algumas cartas, trazia farrapos sobre o corpo, verdade nos olhos e esperança no coração. Os olhos não enganavam. A sua história é longa, mas resume-se num simples facto; é ele mesmo quem o diz: *perdi a minha mãe quando era pequenino.*

Este rapaz é natural de Pinhel. Ali, soube da nossa casa e resolve meter-se a caminho. Em Celorico, encontra casualmente um homem que lhe pergunta para onde vai.

O itinerante conta a história e o Samaritano, que era do Porto, toma-o no seu carro. Uma vez naquela cidade, não sei a rua nem a hora, houve pessoas que escutaram a história; mais Samaritanos. Conclusão: as cartas que o rapaz trazia, eram dirigidas ao Avelino. Pelo seu conteúdo, via-se que muitos se comoveram e pediam ao Avelino que aceitasse o transeunte e mandaram quantias de dinheiro, quente e picdoso, colhido na suposta reunião de circuns-

tantes. Lição: já não é a mim que se implora; é aos rapazes. As cartas eram dirigidas ao Avelino. Eles são os naturais condutores de uma Obra deles, para auxílio imediato dos seus. E a terceira parte da lição, é de todas a mais consoladora; assim como rapazes, também não há homens maus. Revoltados, sim. Estudem-se as causas d'essas revoltas e depois, mas só depois, castigue-se o revoltado.

MAIS outro. Outro rapaz. Como eu estivesse ausente, esperou aqui dois dias por mim. Eu nunca vi na minha vida um maior tesoiro, pela sinceridade das suas palavras. Ele trazia um sobretudo de homem, muito sujo e muito velho, assim como sujos eram os mais farrapos. Porém, a sua beleza moral sobrepunha-se. *A minha mãe tem o pescocinho torto. E o pequenino imitava. E é aleijadinha das mãos.*

E da mesma sorte pretendia ele explicar o aleijão. Muitos escutavam a história. Alguns choravam. Como ele retivesse na cabeça uma boina que trazia, e assim me falava,

vai um pequenino e tira-lha delicadamente. E vai outro e diz-lhe *aqui tira-se o chapéu.*

Hoje é feliz. Frequenta a escola de dia e por paixão também a da noite. Apêga-se ao trabalho com alegria. Aonde quer que ele esteja, se me vê, larga tudo e vem-me dizer que está muito contente. Eu estou muito mais.

Apareceu aqui uma carta; era dirigida a um dos que nos batem à porta. Foi, até, pela carta, que eu soube o nome dele!!

É um estrangeiro que escreve. Vê-se pelo corte da letra e pelos verbos no infinito: *Não fugir. Estar no céu. Confessar pecados com arrependimento. Ir visitar.*

Isto é um acto de caridade perfeita. Quem assim ama, vive em Deus e Deus vive nele. Torno a dizer; não há homens maus. A perversidade, é uma aberração.

Não há homens maus. *Estar no céu.* Podessemos nós todos ver obras boas de todos, e aquele seria também o verbo de toda a gente: *estar no céu!*

## A nossa conferência

### Casa de Miranda

No dia 15 de Janeiro de 1950 reuniram-se os rapazes da Conferência de S. Vicente de Paulo da Casa do Gaiato assistindo todos os confrades, assistente e presente.

Antes de tudo procedeu-se à reza das orações habituais, em seguida fez-se a leitura Espiritual pelo folhete da sociedade de S. Vicente de Paulo do qual lêmos algumas frases. Seguiu-se o inquérito. No Corvo a pobre estava a barrer a casa. Nas Miãs o Velhinho está cada vez pior, e o outro estava a fazer o almoço. No Carapinhã a pobre pediu-nos para lhe mandarmos consertar uns óculos. No domingo passado levamos aos nossos pobres açúcar, maça, bacalhau e algumas roupas usadas que já não nos faziam falta. No domingo passado dia de Natal não se reuniu como de costume a nossa conferência porque nos foi de todo impossível. Mas levamos como de costume aos nossos pobres as esmoladas. Entre algumas palavras que lhe dirigimos apenas lhe citamos estas: Lembre que faz hoje anos que nasceu Jesus, assim tão pobrezinho como você. Não nos reunimos por falta de tempo. E assim aguardávamos o dia de Natal para ir levar aos nossos pobres alegria e conforto. Como não havia mais nada a tratar fez-se o peditório na reunião que rendeu 25\$00 e encerrou-se a sessão com as orações habituais.



Temos sido muito infelizes com os nossos protegidos, isto é, com os nossos pobres. Há dias faleceu o velhinho das Miãs, era muito doente, sofria do coração o médico lhe recitou-lhe umas gotas para ver se faziam bem, mas de nada valeu! Já estava

## Notícias da Casa de Miranda

1 No passado dia 15 realizou-se um encontro amigável entre os gaiatos de Miranda e de Coimbra. O desafio terminou com a vitória dos gaiatos de Coimbra por 5-3 ao intervalo. Mas na segunda parte houve modificações entre Zé Carlos e Humberto passando Zé Carlos para defesa direito, Humberto para guarda-redes e José Maria Baltazar para avançado-centro e assim os Gaiatos de Miranda reagiram-se na segunda parte marcando 4 golos mas o árbitro invalidou o quarto. Os golos foram obtidos por Venâncio, José Carlos e Monarca. A nossa linha foi formada pelos seguintes jogadores: Zé Carlos (depois Humberto) Venâncio Zé Maria Baltazar, Cartaxo Zé Botas e Gil Afonso, José Maria C.: Humberto (depois Zé Carlos) Monarca e Joaninha. Pelos Mirandenses distinguiram-se Humberto, Zé Carlos Venân-

destinado por Deus. Faleceu no primeiro sábado do ano e o funeral foi no domingo à tarde ao qual foram todos os confrades. Tinha uma filha que não se importava com ele. Quando o pai lhe mandava cozer batatas da esmola ela ficava com metade. A obrigação da filha era cuidar do pai, porque quando ele era novo também cuidava dela. Pedimos a Deus que lhe conserve a alma para toda a vida.

O Presidente:  
JOSÉ MARIA SARAIVA

cio como também Afonso e os restantes razoavelmente. E pelos visitantes Carlos Alberto, Inácio e Alfredo etc. A vitória de Coimbra foi justa e a arbitragem razoável.

2 Como dissemos no número atrasado aos nossos carinhos e estimados leitores que já tínhamos o nosso campo de futebol quase pronto, agora já vai mais adiantado. Já pedimos um cilindro para calcar a terra a um Sr. da Quinta do Viso que também calçou um campo ténis que eles lá têm. É pequeno mas calca o suficiente para ficar bom. Já colocámos as balizas nos seus devidos lugares, que ficaram muito bem seguras.

3 Temos cá um coleccionador de selos e pratos que é o Fala-Barato. Antigamente era o Carlos que já foi para Coimbra. Ele envia-os para o Seminário das Missões de Cucujães que lhe mandou de lá bonitas coisas em troca dos selos. Ainda há dias recebeu uma linda agenda Missionário de 1950, e um santinho muito bonito. Se alguns leitores quiserem mandar como de costume, mandem selos e pratos para o Coleccionador que se chama Fernando Alexandre Guedes.

4 Como todos os nossos leitores sabem, nas Casas do Gaiato há escolas de ensino primário. O professor da nossa escola tem-me recomendado para eu por no famoso que precisamos de livros para os alunos da 4.ª classe, e também para as restantes classes principalmente para a quarta. Os livros que precisamos são os seguintes: aritméticas, livros de leitura de Romeu Pimenta, gramáticas, etc. E era favor se nos podiam mandar também lápis de pau borrachas, aparos etc. porque precisamos muito.

5 As nossas obras vão um pouco adiantadas. A cozinha do forno já está quase pronta. A cozinha velha é uma miséria. O telhado está quase todo esburacado o chão é em pedra, só a padaria é que é acimentada. O forno está tão velho que nem o pão se coze bem. As paredes estão também muito cheias de buracos. A outra cozinha será maior e melhor. As paredes são feitas com teijolo, o chão com mosaicos. O forno será maior que o outro terá dois metros. Os pedreiros não vieram dois dias devido às festas de S. Sebastião em Miranda do Corvo.

O crónista—ANTÓNIO GIL

Vai-se servir a ceia. O refeitório dá-lhe um prato de sopa quente que ele come nos joelhos, sentado num degrau interior. Na mesa não. Na mesa não pode ser, mas não importa. Os companheiros exultam de o terem por um dos seus.

É chamado o chefe da casa aonde ele vai dormir, mas na cama não. Que importa?